

“O jornalismo não é notícia, mas a forma mais canônica do jornalismo é a notícia”



Por: Karina Woehl de Farias

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo (UFSC), professora e coordenadora do curso de Jornalismo da UNISATC, em Criciúma (SC). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

Desde agosto de 2021, o jornalismo brasileiro passou a conviver com a ausência de um de seus pensadores ilustres: Nilson Lage. Em mais de cinco décadas de atuação como professor e pesquisador, o jornalista publicou livros que até hoje são referenciados nas universidades do país, ratificando seu pioneirismo nos estudos sobre as práticas jornalísticas e a notícia. O autor faleceu em 23 de agosto, aos 84 anos, vítima de um câncer de pulmão.

As reflexões de Nilson Lage sobre a mídia e o jornalismo foram tratadas em entrevista presencial que realizei em janeiro de 2018, no Campeche, em Florianópolis, na sua residência, para a elaboração de um trabalho na disciplina de Teoria do Jornalismo, requisito para o doutoramento do Programa de Pós-graduação em Jornalismo (UFSC). Parte da nossa conversa rendeu o artigo *Nilson Lage: uma teoria do jornalismo a partir da prática*, publicado na *Revista Pauta Geral*, da Universidade Federal de Ponta Grossa.

A entrevista ocorreu no dia 4 de janeiro de 2018, num dia extremamente quente em Santa Catarina. O professor fez questão que a conversa fosse presencial. Conversamos em seu escritório, onde ao chegar, ele escrevia para o seu site *Observador do Mundo*. Antes de começarem as perguntas, mostrou-me orgulhoso alguns exemplares da 1ª edição de um de seus mais importantes livros *Ideologia e Técnica da Notícia* (1979, 2001, 2012, 2021). Fotografei o autor com sua

obra, ainda naquela capa em amarelo, feita no final da década de 1970. Também fez questão de me apresentar outros livros da sua coleção, como o *Manual de Jornalismo*, de John Hohenberg, entre outras obras da literatura russa.

Durante a entrevista, Nilson Lage contou sobre o início da vida acadêmica, criticou o academicismo de alguns colegas e cobrou mais rigor em universidades de jornalismo. Falou sobre teoria e prática, sobre conhecimento e reprovou a atuação da mídia brasileira em algumas coberturas. Foi um pouco mais de uma hora de conversa, gravada e transcritas abaixo.

EJM: O senhor já atuou em alguns dos maiores veículos do país, como o *Jornal do Brasil*, a *Revista Manchete*, entre outros. Como ocorreu a sua transição da prática profissional de jornalista para a vida acadêmica?

NILSON LAGE: A vida que leva a gente, não é a gente que leva a vida. Quando eu era menino, meu primeiro curso foi no Colégio Militar, logo depois da Guerra, por volta de 1945. Eu era míope e por isso não pude entrar na carreira, então eu fui fazer outra coisa, e fui fazer Medicina. Mas o meu pai era operário, então era uma dificuldade muito grande. Comecei a Medicina com 16 anos, meu pai morreu, eu tive que abandonar o curso e responder pela família. Fiz pouco mais de três anos e larguei a faculdade para trabalhar em jornal. Como eu passei por um segundo grau inacreditavelmente bom, eu conhecia a literatura brasileira quase toda, e com essa formação foi mais tranquilo trabalhar com jornalismo. Nessa época, os jornais estavam passando por uma mudança muito grande, implantando o *lead*, as técnicas americanas e eu lia muito sobre isso, então eu me tornei uma espécie de especialista no assunto. Em 1958 eu era secretário do *Jornal do Brasil*, em 1960 eu já era editor, em 64 eu trabalhei como redator chefe no *Última Hora*, e também trabalhei no *O Globo*. Mas assisti, a partir daquele tempo, uma decadência muito grande na imprensa brasileira que sempre foi muito centrada no Rio de Janeiro, que era a capital. Tínhamos jornais tradicionais, a maioria conservadores, mas independentes, com intelectuais importantes, como Carlos Drummond, Graciliano Ramos, mas estes espaços foram fechados e a imprensa passou a sofrer perseguição. Nesse momento eu passei a perceber que para manter o padrão que eu estava, eu teria que “pular a cerca”, ser outra pessoa, para não ingressar naquela vida ou passar a viver a um custo de uma visão de mundo que eu não queria, porque eu tinha compromisso de classe e não aceitava aquilo que acontecia. Então, em 1973, fiz vestibular para letras, já que em 1962 eu fiz para jornalismo, mas fui impedido de ingressar por estes golpistas que estão aí. Faço essa conexão, porque em 1970, quando começam a montar os cursos de comunicação, com um projeto teórico absurdo, juntando profissões ao acaso, por exemplo, você tem jornalismo, mas não tem ensaísta, tem cinema, mas não tem teatro, tem artes visuais, mas não tem design. Montaram com um programa estruturalista, e deram às pessoas das Ciências Sociais para dar aula. Como não havia ninguém técnico para dar aulas técnicas, eu já estava dando aula antes de me formar. Fiz graduação e mestrado juntos, larguei o jornal, vendi uma sala comercial para poder me bancar. Trabalhei muito, até 60 horas por semana e sem tempo para fazer o mestrado. Aí o que eu fiz? A cada disciplina eu fazia um pedaço da dissertação, e assim eu fiz os três capítulos de *Ideologia e Técnica*, e nas férias eu juntei os pedaços para o trabalho final. Essa dissertação foi publicada porque um aluno pegou uma cópia, ele trabalhava em uma editora de livros, e eu achava que era sem importância, mas dois ou três anos depois eu encontrei uma tese contestando a minha dissertação. Então pensei, se estão contestando é porque o que eu disse valia alguma coisa. E nessa mesma época, em Santa Catarina, o Adelmo Genro citou amplamente o meu livro, por isso me chamavam tanto para fazer palestras aqui, por conta do Adelmo. Em 1990, eu resolvi deixar a UFRJ e começaram a pedir para eu vir para cá e aí acabei fazendo concurso e essa foi minha relação com a academia.

EJM: Qual conceito o senhor defende sobre o que é jornalismo?

NILSON LAGE: O conceito que eu tenho sobre jornalismo é que jornalismo é uma prática, como tudo é prática. Medicina é prática, engenharia é prática. Antes da Faculdade de Engenharia já existiam as pirâmides do Egito. É uma prática social. Antes e mais nada, são práticas, sobre as quais se aplicam conhecimentos científicos. Na medicina se aplica a biologia, a química, a psicologia. No jornalismo a mesma coisa, são aplicados uma série de conhecimentos, o linguístico, o social, o de informática. Agora, como em toda prática, é possível construir a partir dela, uma teoria.

EJM: Então podemos dizer que temos uma Teoria do Jornalismo?

NILSON LAGE: Isso é sempre algo em construção, qualquer teoria que você faça sobre uma prática, é uma teoria que vai evoluir a medida que a prática também evolui. Em suma, toda prática humana gera uma teoria. No caso do jornalismo, essa teoria é interessante, porque o jornalismo, toda a maneira moderna das civilizações de lidar com a realidade passa por uma estrutura de conhecimento. Então, essas apropriações, particulares do conhecimento singular, é típica da maneira da ciência abordar o mundo. O jornalismo faz um curto-circuito nisso, ele vai direto na realidade. Isso gera coisas muito interessantes. A técnica de construção do texto jornalístico, ela se baseia em algo que não está em teoria nenhuma, mas é próprio do contato humano. Quando a

gente conta uma história ao outro, você começa por aquilo que entende que é mais importante. Essa relação de você construir algo do que você acha interessante, a partir do que é importante ou do que você acha que o outro vai se interessar, não está em teoria nenhuma. O texto jornalístico é um texto positivo, parte do genérico e de documentações, só que ele parte de um evento que ele considera. O jornalismo não

é notícia, mas a forma mais canônica do jornalismo é a notícia. Na verdade, eu acho, o jornalismo vive um processo de decadência intenso ao longo da minha vida. Continuo achando possível relatar o que se passa no mundo honestamente. Com o viés possível da cultura, da classe, mas com uma narração objetiva, voltada para o objeto, não para o fim. Eu posso contar um atropelamento com base nele, não no efeito na pessoa que vai ler. A objetividade para mim é o que a informática diz, é um discurso voltado para o objeto. Esses conceitos todos são políticos, as ciências sociais são extremamente autoritárias e elas impõem e acham que sabem tudo, somente elas sabem das coisas, que toda ciência é cultura. Ela precisa achar isso para afirmar seu poder, mas não é assim. Elas tinham que aprender humildade, é uma arrogância insuportável. Ela sempre investiu para dominar as pessoas, como os mecanismos de controle de opinião pública, todo conhecimento foi voltado para isso, para domínio. Essa influência deformou o jornalismo. Quando você tenta fazer um discurso voltado para realidade dizem que você é parcial, que não pode ser. Por que eu não posso ser honesto? Por que eu tenho que ser instrumento de alguém? Por que eu não posso ver honestamente a partir do que eu sou e o que o mundo é? No lugar de tirar a realidade o meu horizonte eu tenho que ter um horizonte prévio da realidade? Por que eu preciso ter uma sabedoria antes do fato? A sabedoria está no fato e não fora dele. Temos que tirar a teoria da nossa experiência. Quando não se tem essa visão, essas deformações ocorrem.

“A técnica de construção do texto jornalístico se baseia em algo que não está em teoria nenhuma, mas é próprio do contato humano”

EJM: Há quem critique que as Teorias no Jornalismo se baseiam nos manuais de redação. Qual sua opinião?

NILSON LAGE: A profissão tem essa característica, é uma relação direta com a realidade. O Freud é um discurso sobre a experiência dele como clínico, mesmo sendo uma experiência muito pequena e com certa deficiência. Os manuais são a base, a produção da relação concreta, porque se você sai da relação, você deixa de fazer jornalismo e faz sociologia, como querem fazer. Os laboratórios existem para produzir técnicas, experimentar práticas e estratégias, gerar conhecimento, não para simples reprodução. É a partir da vivência do ofício que se constrói a Teoria do Jornalismo, de onde a prática não se basta como finalidade. Teoria e prática não se contradizem, como querem fazer crer: integram-se e se completam em uma relação acadêmica sadia.

EJM: Durante a entrevista, o senhor falou bastante do livro *Ideologia e Técnica*, mas o senhor não considera essa sua principal obra. Qual seria?

“É a partir da vivência do ofício que se constrói a Teoria do Jornalismo, de onde a prática não se basta como finalidade. Teoria e prática não se contradizem, como querem fazer crer: integram-se e se completam em uma relação acadêmica sadia”

NILSON LAGE: Não. O livro que me deu mais trabalho e acho mais interessante é *Controle de Opinião Pública*. Foi um livro de maturidade, escrevi em 1998, reflete a experiência que eu tive de perceber como os mecanismos de opinião pública foram mudando.

EJM: Durante a entrevista, o senhor falou bastante do livro *Ideologia e Técnica*, mas o senhor não considera essa sua principal obra. Qual seria?

NILSON LAGE: Não. O livro que me deu mais trabalho e acho mais interessante é *Controle de Opinião Pública*. Foi um livro de maturidade, escrevi em 1998, reflete a experiência que eu tive de perceber como os mecanismos de opinião pública foram

mudando.

EJM: A gente tem vivido tempos de uma sociedade partida, bastante polarizada. Na sua avaliação, isso também afeta a prática jornalística?

NILSON LAGE: Essa polarização para mim é um insulto. Eu me sinto muito mal. É um atraso danado. E tudo por ambição, por disputa, por impérios. Poder e violência. O controle de opinião pública é uma estrutura militar, ela agride a consciência das pessoas, ela corrompe as pessoas pelo consumo, você constrói substitutos da felicidade e do prazer, você cria um mundo de castrados que se gratificam com simulacros, isso é uma violência. Você estabelece uma lógica do individualismo competitivo que é uma lógica sem sentido. E por que isso? Para que você junta dinheiro? Você não pode comer mais do que come, vestir mais do que veste. Essa hierarquia, isso é uma bobagem e um modo de dominação. Por exemplo, o escravo não tem motivação para trabalhar, o dono vai tomar conta dele, é um ativo financeiro. Para isso se criaram os vícios, a cachaça, o rum, o su-

jeito trabalhava a semana inteira para poder tomar um porre no fim de semana, vivendo nessa dependência que agora se repete com as drogas. Há toda uma indústria para isso. Inclusive a indústria do espetáculo é feita para isso, produções feitas para você não pensar ou só estimular sensorialmente, sem sublimar nada. Isso cria uma mentalidade burguesa, como a gente vê na academia também.

EJM: O seu conceito sobre notícia também continua o mesmo?

NILSON LAGE: Continua sendo o mesmo. O princípio básico do jornalismo continua sendo o que interessa, qual aspecto da realidade é o que interessa. Em um conjunto de fatos, o que é o mais interessante, como hierarquizar os fatos. Essa é uma peculiaridade do jornalismo que a ciência não consegue fazer.

EJM: Essa hierarquização não bate de frente com o que propõem alguns teóricos do jornalismo?

NILSON LAGE: Eu acho que não. Essa hierarquia é o contato. O jornalismo não esgota na notícia. E nem o jornalismo é conhecimento em si, ele é um conhecimento da realidade. Ele introduz uma análise, a realidade em si não se basta, ela envolve uma série de interpretações. A informação é sempre um reprocessamento. Cada pessoa que vê um fato constrói diante daquele fato, com relação ao seu conhecimento, uma informação diferente. Um mesmo fato gera vários tipos de informação, isso permite mil possibilidades de se tratar um fato honestamente.

EJM: Mas é então uma forma social de conhecimento?

NILSON LAGE: Sem dúvida, mas não se esgota, você vai tendo mais relações e criando informações mais sofisticadas. Quanto mais experiência o sujeito tem, melhor ele vai relatar. Para produzir análise de fatos, o jornalista deveria ter uma experiência que hoje ele não tem. Análise de fatos numa área envolve um conhecimento muito amplo, muito mesmo. E a deformação da profissão é essa. Como ela é um mecanismo de controle, jornalista é um policial que toma conta, não pode pensar muito. Quando ele chega na maturidade ou ele se corrompe ou não serve mais. Primeiro: esbarra nas próprias limitações, todo mundo tem, e segundo: a corrupção ambiente, os envoltórios da vaidade, aura que cerca determinadas pessoas e vai destruindo a própria autocrítica, gerando uma entropia na formação do indivíduo.

EJM: Toda essa depreciação da profissão que o senhor cita tende a piorar em tempos de pós-verdade?

NILSON LAGE: A realidade ficou tão evidente que ela não pode mais ser contada, ou você passa a ter um discurso ficcional. Nesse discurso ficcional a gente está em plena recuperação econômica, as universidades estão em pleno funcionamento, quer dizer, ficção, fajuto. E já não é de hoje não. Polarizados pela luta de classes e condicionados por tradições culturais, os indivíduos agem platonicamente: não acreditam que haja uma realidade externa a eles e que, se houver, seja possível mostrá-la tal como ela é.

“O jornalismo não esgota na notícia. E nem o jornalismo é conhecimento em si, ele é um conhecimento da realidade”

EJM: Pensando nisso, o ensino de jornalismo precisaria mudar, precisaria por exemplo, ser mais rigoroso?

NILSON LAGE: Evidentemente. Primeiro um jornalista quando sai tem que saber escrever perfeito, tem que ter um texto perfeito. Segundo, ele tem que dominar os instrumentos técnicos da profissão. E em cima disso, ele precisa ter cultura. Em quatro anos isso é impossível, ele teria que ter um ensino básico de qualidade. Hoje não tem como. O problema vem de baixo, o grande problema

“Polarizados pela luta de classes e condicionados por tradições culturais, os indivíduos agem platonicamente”

no Brasil é o segundo grau (ensino médio). O primeiro grau (fundamental), a tia, a “fessora”, essa funciona bem. Agora, na adolescência a coisa complica, é momento de decisões, mudam as perspectivas, e tem que ser tratado assim. A melhor coisa é você incentivar, dar esperança, dizer você é o cara, você vai dar certo. Aí o sujeito vai que vai, vai pelo caminho dele. Agora, se você disser que ele não vai, ele vai fazer um curso, vai largar, e depois volta e vai até aos 40

anos pendurado na casa do pai. Tem que motivar o cara, é o momento de dar oportunidade.

EJM: Para encerrar professor, quem foram os autores que o embasaram?

NILSON LAGE: Eu tive uma leitura grande de críticos marxistas, Lukács, lia muito na década de 1950, literatura social básica. Lia também os autores todos brasileiros e em seguida quem me influenciou muito foi Roland Barthes, li tudo escrito por ele e foi muito importante. John Hohenberg, também li a obra completa de Freud, Pavlock, Bakhtin. Os autores da corrente reflexológica. Isso me deu uma visão ampla das coisas. Mais recentemente tenho lido Van Dijk e as análises interessantes dele.